

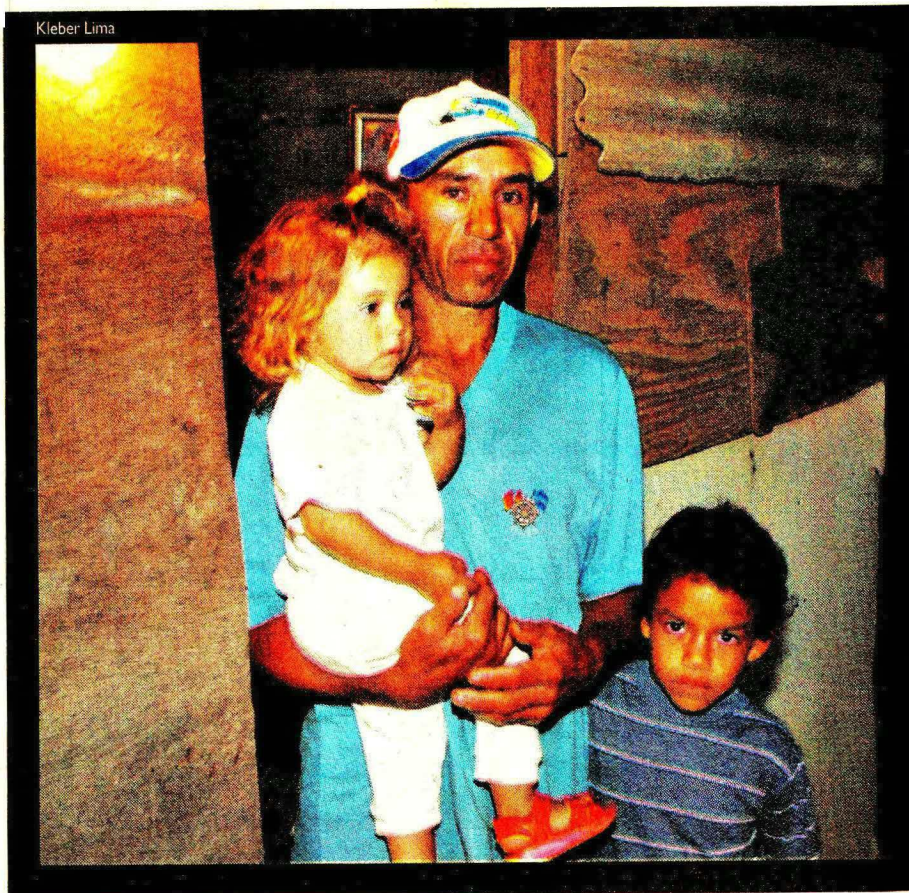
PARENTES COM MEDO DA DOENÇA

FABÍOLA GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

A família da dona de casa Irene da Silva Rosa teme que a hantavirose se espalhe entre os moradores do Núcleo Rural Boa Esperança, em Ceilândia. Até ontem, quando os familiares souberam do laudo oficial da morte, a expectativa era de que outra doença tivesse matado Irene, no dia 2 de julho. "Esperávamos que fosse pneumonia. Agora do governo precisa tomar providências e tirar todo esse lixo daqui", disse o agricultor Rosivaldo Lopes, 58 anos, tio da vítima.

Irene começou a sentir dores no corpo, febre e mal estar oito dias antes de morrer. Logo depois, vieram os vômitos. Foi quando a família decidiu levá-la ao Hospital Regional de Brazlândia. O quadro piorou com a falta de atendimento. Funcionários alegaram que não havia vaga na unidade de saúde. Ela foi levada para o Hospital Regional de Ceilândia e atendida com suspeita de pneumonia. Já apresentava insufi-



JOSUÉ SARAIVA, MARIDO DE IRENE: FAMÍLIA TEME QUE HANTAVIROSE SE ESPALHE PELA REGIÃO

ciência respiratória. Recebeu alta no mesmo dia.

Mesmo após tomar os remédios receitados, Irene continuou a reclamar de mal estar. A família decidiu levá-la ao Hospital Regional de Taguatinga, por volta de meia-noite do dia 1º. Muito fraca, ela passou a ser alimentada e medicada por meio de sondas.

Irene morreu às 17h do dia 2. Após examinar o corpo da paciente, os médicos apontaram edema pulmonar como causa da morte. Eles não sabiam identificar o que provocou o edema. Os médicos disseram a Valdirene Rosa, 20, irmã de Irene, que o pulmão dela estava como o de quem fuma há 25 anos. Mas, segundo a família, ela nunca fumou. O resultado dos exames em amostras de sangue e vísceras de Irene foi divulgado ontem pelo Instituto Adolfo Lutz.

A doença surpreendeu o pai da dona de casa, o aposentado Antônio da Silva Rosa. Ele disse que a filha era uma pessoa muito forte e nunca ficava doente. A dona de casa morava com o marido, o agricultor Josué Félix Saraiva, 48, e dois dos três filhos. Com a proximidade de matas, a casa da família sempre era invadida por ratos silvestres, conforme confirmou Rosivaldo e a irmã de Irene Dinalva da Silva Rosa, 23.

O clima ontem no Núcleo Rural era de desolação. Dinalva confessa que não se sente mais tranqüila morando na região. "Estou com muito medo mesmo. Agora, esperamos que o governo limpe a área. Aqui tem muitomato e lixo", reclamou. Outra irmã de Irene, Zilda Rosa de Jesus, 29, diz estar horrorizada com a proliferação da doença no DF. "Nós nunca imaginávamos que ela fosse ser vítima desse mal. A morte dela assustou a família e toda a nossa comunidade." O Núcleo Rural Boa Esperança tem 1,3 mil moradores.